

Macunaíma: A Memória Social no Relato Biográfico

Tânia Regina de Souza

Mestranda em Literatura Brasileira, UFSC

E só o papagaio no silêncio da Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do herói.¹

Ressaltar características biográficas na obra *Macunaíma* implica desvelar um anti-herói na construção da personagem central. Mas se os atributos do herói exibem o avesso das virtudes, sua “biografia” extrapola os limites individuais por se estruturar simultaneamente à memória social e coletiva da nação brasileira.

Através da ligação do primeiro capítulo da obra ao epílogo é possível observar a relevância do “aedo brasileiro”. Ele se faz acompanhar por sua violinha enquanto alinhava, cose os casos vividos por Macunaíma. Na tessitura desse relato, onde ocorre a união dos episódios nos quais se envolveu o herói, os cenários exibem lendas, folclores e costumes das regiões percorridas pela figura central. Este é o cadinho no qual o selvagem, o moderno e o colonial buscam conviver, e caracterizar o universo brasileiro como unidade nacional.

O epílogo é o momento não só de remate como também de revelação. Finalmente, o leitor tem conhecimento das circunstâncias nas quais se envolveu o “homem” a fim de obter o material narrado. O narrador apresenta-se como cantor disposto a “botar a boca no mundo” utilizando-se da “fala impura” para relatar os feitos do protagonista. A “fala impura” vem desvelar a oralidade popular se compondo de construções coloquiais, provérbios, frases feitas e erudição. Fusão que constitui a um só tempo os diversos falares da região brasileira.

Perplexamente, a autoridade de narrar lhe é conferida por um papagaio que preservava do esquecimento e conservava no silêncio as “frases” e “feitos” que o próprio herói lhe transmitira.

“Tudo ele contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso vim aqui. Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.

Tem mais não.”²

Induzido pelo “guanumbi”³, mensageiro do além, o homem acompanha-se do papagaio, salvando do esquecimento a vida de Macunaíma. Improvisa sem titubear na nova língua que lhe foi transmitida, impedindo a morte da linguagem da tribo Tapamunhas. Toma para si a tarefa de contar e recontar através do canto, enquanto seu protagonista prefere o espaço contemplativo da Ursa Maior.

Nesse incessante recontar vale observar o “senso prático”⁴ no papel do narrador de Macunaíma. Ele não se restringe à dimensão utilitária, no que diz respeito a ensinamentos morais ou sugestões que possam resultar de um provérbio. Embora se perceba nele as mesmas características inerentes à oralidade do narrador benjaminiano, o que lhe preocupa é a preservação da cultura, das lendas e das tradições populares à medida em que verbaliza os episódios.

Certamente, o que é contado, cantado, traduzido em palavras é a vida daquele que se constitui às vezes mítico, outras vezes real. Dessa forma, o cunho biográfico se impõe, uma vez que o tema da narrativa é a reprodução de “toda a vida, nascimento, alegrias, sofrimentos e morte do herói.”⁵

Dentro deste aspecto é importante ressaltar que se há características biográficas nos itens que compõem a obra, há também uma ruptura com os moldes tradicionais, no que concerne aos atributos do herói, pois a biografia destinava-se à preservação da memória de uma vida exemplar e a servir de fonte de ensinamentos. Iniciava-se rigorosamente pelo nascimento e terminava pela morte da personalidade em questão. Esse hábito, segundo Georges May⁶ desenvolveu-se na Antigüidade. A *laudatio*, elogio após a morte de homens ilustres, continha considerações acerca da família, antepassados, carreira pública, vida privada e os episódios mais relevantes. Finalmente, as virtudes, pelas quais a personalidade

deveria perpetuar-se na memória de seus concidadãos, deveriam ser mencionadas. Dessa maneira, ao substituir a vida “real” por palavras, a linguagem além de recriá-la, também a perpetuava.

Essa relação biográfica com o “representante brasileiro”, com o ser nacional, Macunaíma, remete à sua família e antepassados, e é o primeiro capítulo que nos dá informação quanto à origem da personagem. O herói não teve pai, o que equivale dizer que Macunaíma foi concebido sem a participação do elemento masculino. Poderia se dizer que a falta de originalidade vai gerar um elemento singular na indefinição de sua identidade.

A índia Tapamunhas concebe seu filho de um sentimento humano, sem a intervenção de um possível “espírito santo”. Ele é filho do medo, mais precisamente do medo da noite. Portanto, a expectativa de um herói concebido divinalmente ou humanamente torna-se frustrada. De qualquer maneira, sua origem não deixa de ser sobrenatural, mas isto não lhe dá o direito de nascer segundo o padrão de beleza europeu. Ele nasce preto, retinto, feio, mas precoce. Aos seis anos de idade já se encontra em plena atividade de homem feito. Um ser mítico e humano que na infância se utiliza de seus poderes “metamorfoseantes” para satisfazer, ele próprio, seus desejos, mas que chora infantilmente ao ser contrariado.

Em seus relacionamentos amorosos, as mulheres com as quais Macunaíma se envolve possuem sempre, em seus nomes, um ponto análogo à gênese mítica e humana. “Sofará corresponde à mulher indígena, aquela que depois do dilúvio repovoou a terra.”⁷ O mesmo ocorre com Iriqui e Ci, mãe do mato. Ambas “pertencem à condição das mulheres do começo do mundo”⁸.

Todavia, se a tarefa de Macunaíma não foi a de manter e preservar as espécies repovoando a terra, o que pretende a biografia de um herói que é “cúpido, lascivo, glutão, indolente, covarde, mentiroso”⁹? E que apesar disso, é “herói de nossa gente”?

O narrador rompe com os padrões convencionais da biografia ao ostentar, em seu canto, um herói que simboliza o reverso das virtudes. Um herói que desconcerta e causa perplexidade por ser avesso às convenções de nobreza e à coroação de uma vida exemplar. Ele é o representante de um povo sem origem e sem caráter próprio. Seu antagonismo contradiz e profana a sagração dos heróis, mas

concentra em si a fusão étnica e folclórica capaz de dar idéia da totalidade brasileira. Através da etnografia e do folclore há a busca da originalidade, da identidade nacional e nessa busca, o “primitivismo estético” surge enquanto recurso utilizado por Mário de Andrade para representar uma nova concepção de arte num momento de mudanças tecnológicas e industriais. Uma das vertentes teóricas do Modernismo buscava caracterizar o “ser primitivo” e defini-lo para construir o conceito de “nação brasileira”¹⁰ e dessa forma inseri-la na ordem internacional.

Na reconstrução da origem e da trajetória do herói, a narrativa expõe a diversidade que compõe a nação brasileira através das múltiplas manifestações culturais, resultantes da “desgeografização” e mistura étnica. Nas palavras de Alfredo Bosi, Macunaíma vai se constituir em “memória investida de um pathos fortíssimo que vai trazendo para o interior da rapsódia um quase infinito viveiro de imagens e cenas, ritos e lendas, frases e casos... fonte inexaurível do populário luso-afro-índio-caboclo...”¹¹.

A construção de Macunaíma segundo os moldes de construção dos heróis da “mitologia amazônica”¹², criados através de estímulos de prazer ou medo, traz à tona a questão do mito enquanto necessidade humana de viver o mundo dotado de sentido. Dessa maneira, coube ao primitivo, por tantas vezes reprimido, assumir a “fala brasileira”, resgatar lendas e folclore na sua maior diversidade para definir a nação e o povo como unidade diante de um vasto universo de nações.

A identidade brasileira ao ser pensada e apreendida revela uma personalidade múltipla, conflitante e irresoluta. O herói permanece “sem nenhum caráter”. Um vazio que poderá admitir ainda um número inesgotável de adjetivos. Mas que poderá também permanecer como espaço imaginário jamais ocupado por adjetivo algum, solidificando-se na indeterminação. A identidade de Macunaíma se forma num movimento constante de construção e desconstrução. Ao se construir múltipla, se desconstrói pela indefinição do caráter. Ao se constituir como mito torna-se desejo de elucidação, mas perde o fio condutor de sua identidade no diálogo com a cultura estrangeira e com o homem “civilizado”. Procura, então, o espaço da contemplação, admiração e acomodação.

Macunaíma profana a concepção de herói, mas foge dos resultados triviais da profanação, por reunir, no conjunto de suas vivências, elementos inerentes à nação brasileira. E do ponto de vista da memória coletiva, os episódios que envolvem o herói sugerem um “Retrato do Brasil”. A mitologia indígena, a oralidade popular e o folclore são preservados e salvos do esquecimento pelo rapsodo que reproduz com sua música e seu canto, os “feitos” da figura central. A seqüência de sons e palavras emitidas através de sua arte induz seus ouvintes à repetição. Dessa maneira, sua música, além de preservar a memória, também cria a possibilidade de tornar sua divulgação mais abrangente. Por outro lado, se a oralidade popular difundida pelo rapsodo é assumida na escritura e na impressão tem-se subjacente às palavras e às frases, além de todo o universo macunaímico, a memória nacional.

Ainda em relação à memória coletiva observe-se o desempenho do rapsodo após assimilar as histórias de sua fonte exclusiva, o papagaio: Ele passa a agir tal qual um membro da sociedade brasileira e, se poderia dizer, integrado no tecido das relações sociais, ao seguir evocando e mantendo lembranças impessoais, na medida em que ele tem consciência de que tais lembranças interessam a seu povo.

O limite temporal da narrativa torna-se impessoal e subjetivo ao recorrer à fonte mítica para construir o “herói”. Macunaíma subsiste às mudanças e quebra a sucessão temporal por se constituir em mito. Seu tempo torna-se único, pois sempre que um episódio de sua vida é narrado, o mesmo fato continua se produzindo. “O mito relata um acontecimento genérico que não cessa de produzir-se: uma origem coletiva - ... - e a repetição dessa origem num presente intemporal se insinua na linha mutável da vida individual.”¹³ Portanto, *Macunaíma*, enquanto texto literário da produção moderna, oferece um vasto universo da cultura popular brasileira e cria com isso, condições para continuar sendo transmitido às gerações futuras.

A carência de uma civilização própria e de uma consciência tradicional gera a “biografia” de um representante brasileiro sem virtudes e sem caráter. No entanto, a vida, as experiências e sofrimento do “herói” provavelmente transmitirão àqueles que nele se detiverem que “Assim como Macunaíma só poderia se realizar

uma vez encontrado o Muiraquitã, isto é, recuperando suas raízes tropicais, o brasileiro, primitivo... o Brasil e seu povo, só poderiam se impor como cultura uma vez que assumissem sua verdadeira personalidade.”¹⁴

NOTAS

1. Andrade, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p.129.
2. Id., p.129.
3. Proença, M. Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p.267. Segundo o autor, Guainumbi é a denominação indígena do beija-flor. Após a morte de um índio, seu coração transformando em beija-flor vai ter com Mansken. Pode ser chamado também de Guanumbi.
4. Benjamin, Walter. *Obras Escolhidas*, vol. I, Magia e Técnica, Ed. Brasiliense. Para W. Benjamin, o senso prático é uma das características dos narradores natos. A narrativa possui uma dimensão utilitária que pode consistir em ensinamentos morais, em sugestões práticas, em provérbios ou numa norma de vida. O narrador é um homem que sabe dar conselhos.
5. Proença, M. Cavalcanti. Op.cit., p.234.
6. May, Georges. *La Autobiografía*. Trad. Danubio T. Fierro. México: Breviarios del Fondo de Cultura Económica, 1982, p.184.
7. Proença, M. Cavalcanti. Op.cit., p.129.
8. Id., p.131.
9. Bosi, Alfredo. *Céu, Inferno - Ensaio de Crítica Literária e Ideológica*. São Paulo: Ed. Ática, 1988, p.137.
10. Moraes, Eduardo Jardim de. "Mário de Andrade: Retrato do Brasil". In: *Mário de Andrade/Hoje*, Cadernos de Ensaio. São Paulo: Editora Ensaio, 1990, p.88.
11. Bosi, Alfredo. Op.cit., p.136.
12. Id., p.138.
13. Nunes, Benedito. *O Tempo na Narrativa*. São Paulo, Editora Ática, 1988, p.67.
14. Lopez, Telê Ancona. *Mário de Andrade: Ramais e Caminhos*. São Paulo: Duas Cidades, 1972, p.114-115.